

Ricardo Cravo Albin Pedido surpreendente

Nunca me esqueço de que, em uma das muitas visitas que sempre fazia aos amigos Zélia e Jorge Amado em Salvador, certa vez ele me confidenciou uma delícia de segredinho: “você sabe, Ricardo, que o que me espanta mesmo é receber pedidos de leitores para adentrar e esclarecer certos rolos que eu construo em determinados momentos da ação dos meus romances, novelas ou contos. Tive que casar a D. Flor com o farmacêutico pela insistência de uma leitora, mas em compensação lhe impus todas as tentações do voluptuoso Vadinho. Casou com o homem certo, mas vivia atormentada pelo fogo incessante do falecido marido”.

Mesmo com escritores menores como eu, já aconteceram pedidos inesperados por parte de certos leitores. Agora mesmo, estou instado por leitor de Espanha que pede que eu republique, neste espaço, as crônicas que fiz, envolta em encantos mil, sobre o Taj Mahal, quando visitei a Índia durante um mês de procuras dentro da espiritualidade.

Aí vai, e o faço com alegria, porque o Taj Mahal foi certamente um dos grandes encantos de minha vida.

O deslumbramento do Taj Mahal (Extraído do livro Índia: roteiro bem e mal-humorado. Ed. Gryphus, 1996).

A chegada a Agra foi marcada pela excitação. A tensão natural provocada pela proximidade de um evento raro: conhecer o Taj Mahal. O túmulo, para quem não sabe, é considerado não apenas uma das maravilhas do mundo como também a mais bela construção erigida na idade pós-medieval, por seu irradiante sentido de equilíbrio e de pura beleza.

As poucas horas que me separavam daquele monumento, cujo perfil branco conhecia desde criança, foram de ansiosa expectativa. Chegara a Agra de ônibus, ao entardecer. O guia ajudara a aumentar a excitação quando falou da possibilidade de o monumento estar imerso em névoa seca na manhã do dia seguinte. As fotos e as filmagens ficariam prejudicadas? E se não pudéssemos sequer vê-lo? Mal dormi, mergulhado nas dúvidas do que poderia acontecer na manhã seguinte, quando, finalmente, iria conhecer o ícone que me tinha feito mergulhar em todas as histórias sobre a Índia da minha infância. Em minha imaginação infante-juvenil elefantos, tigres, Sabus de Hollywood e princesas embrulhadas em saris dourados, com Maria Montez à frente, é claro, todos eles mo-

raram no Taj Mahal.

Acordei bem mais cedo, preocupadíssimo com o tempo, e corri à janela. Uma névoa seca – não muito espessa – me fez apertar o coração. Afinal, eu só tinha aquela maldita manhã para a visita. E se não desse para ver coisa alguma?

Tomei o café fazendo planos comigo mesmo de abandonar a excursão, caso não atingisse minhas expectativas de visibilidade. Afinal, o Taj Mahal era o que não me podia faltar, nessa viagem de quase um mês pela Índia. Enquanto o ônibus avançava em direção meu Shangri-lá indiano, a névoa se esmaecia. Ao pisar o enorme jardim quadrado que dá acesso ao monumento por uma porta gigantesca – quase um Arco do Triunfo indiano – o perigo passara. O guia informou que câmeras de vídeo só eram permitidas até a entrada. Dentro dos jardins que faziam o monumento, filmar era terminantemente proibido. A tal ponto que os equipamentos ficariam na entrada, sob custódia do governo.

A expectativa aumentava de minuto em minuto e eu filmava tudo o que podia, até os degraus que davam acesso ao depósito. Guardei desolado a câmera e corri para a porta de acesso ao Taj Mahal. Lá estava o monumento envolvido por um finíssimo véu de neblina que, antes de lhe tirar a visibilidade, realçava-lhe elegantemente as linhas simétricas perfeitas. Fiquei mudo – ou engasgado, sei lá – pela pura emoção da cena. Pareceu-me um sonho De real e concreto, apenas os jardins perfeitamente cuidados que estavam à minha frente, distantes quase um quilômetro da quimera. Sentei-me por rápidos segundos num dos degraus onde começaria a visita e olhei de novo aquele quase bolo de noiva surrealista e inacreditável. Era como se ele tivesse pousado ali suavemente, um disco voador intocado pela brutalidade de mãos humanas.

Fechei os olhos por segundos e voltei aos meus doze anos. Sabu beijava Maria Montez envolta em gases diáfanos, apenas o umbigo de fora. Elefantes e milhares de mercadores rodeavam o casal. A música subia e guerreiros chegavam em seus cavalos brancos, ladeando o rei mau que vociferava no alto de seu elefante, protegido por enorme toldo cravejado de diamantes. Abri os olhos em curtíssima fração de tempo, atordoado pelos pregões insistentes dos fotógrafos ambulantes que ofereciam seus serviços: duas poses por cinco dólares.

É claro que aceitei, de

imediatamente, a primeira proposta, e lá fui eu fazer uma coisa que jamais poderia ter imaginado: dar as costas ao Taj Mahal para uma foto, apenas segundos depois de me extasiar com sua primeira visão. Pedi ao fotógrafo pressa, como se o sonho não mais estivesse ali quando eu de novo voltasse para ele. E marchei feliz em sua direção.

O monumento, na verdade, é muito mais belo do que todas as fotos e filmes que me puderam mostrar. Aliás, esse espanto com ícones visuais, familiares apenas por fotos e filmes, já ocorrera comigo anos antes, visitando as pirâmides do Cairo e os tempos de Luxor. Por mais que eles possam parecer familiares de longe, quando vistos ao vivo são diferentes. Ou para melhor ou para pior. Assim como as pessoas, em especial estrelas de cinema e cantores famosos.

No Egito e aqui em Agra fui tomado por emoções que julgava pretensiosamente burocráticas. Seria apenas um reconferir. E não foi. Foi muitíssimo mais, como se todas elas nascessem de novo para meus olhos e meu espanto. Os jardins espaçosos que emolduram o monumento foram percorridos por mim, com respiração curta, mas passos firmes. Subi os degraus que conduzem a ele, não sem antes tirar os sapatos e calçar pantufas.

Aliás, o uso obrigatório dos sapatos de algodão é muito inteligente, porque protege e lustra o mármore branco do piso, aumentando a sensação de beleza do todo. As paredes recobertas pelo mesmo mármore abrigam um tesouro incalculável, tanto pelo perfeito desenho de suas formas e de seus arabescos, como pelas pedras semipreciosas, nelas incrustadas. Lápis-Lazúli, ágatas, cristais de rocha, ainda decoram os desenhos, magistrais todos, como o grande mosaico colorido das pedras semipreciosas.

Já as preciosas – como rubis, esmeraldas e diamantes – foram roubadas ao longo dos séculos, nas sucessivas pilhagens de que a Índia foi vítima, a última, possivelmente, durante o Império Inglês. Os recortes no mármore para vaziar espaço – uma tradição da arquitetura da Índia, sob domínio muçulmano – atinge seu esplendor neste túmulo, dentro do monumento. É aí que estão, no piso principal, as duas tumbas falsas de seus fundadores. As verdadeiras, os imperadores espertamente deixaram escondidas no piso embaixo, longe dos olhos dos ladrões e dos curiosos. Não pude descer ao andar inferior, em obras para reforma.

Ao lado do monumento, cercado por quatro belos

minaretes, estão duas outras construções, rigorosamente simétricas e que foram construídas pelo imperador Shah Jahan para melhor poder contemplar, de ambos os lados, a simetria perfeita do Taj Mahal. E mais confortavelmente chorar a morte de sua esposa Mumtaz Mahal, que morrera de parto ao dar à luz ao seu décimo-quarto filho, com apenas 39 anos.

O imperador mongol, que reinou de 1627 a 1658, havia ficado de tal modo desolado com a morte da mulher, que resolveu fazer de seu túmulo funerário o maior e mais belo monumento de toda a Índia. Convocou arquitetos do mundo inteiro para lhe apresentarem projetos. O vencedor foi um arquiteto turco, daí a razões tão explícitas dos quatro minaretes.

O templo mortuário demorou 17 anos para ser erigido e custou o trabalho de 20 mil homens, revezando-se dia e noite. Pronto o mausoléu, sua amada Mumtaz lá instalada, a Índia quase falida pela extravagância, Shah Jahan exorbitou quando fez anunciar que construiria uma réplica do monumento do outro lado do rio, todo de mármore negro e ainda mais luxuoso.

Quando os filhos do imperador comprovaram que o pai falava sério – e as fundações do novo templo ainda estão lá até hoje – um deles, Aurengzeb- deu um basta àquele delírio e aprisionou o perdulário. De quebra, para evitar protestos familiares, assassinou todos os seus irmãos. Shah passou o resto de seus dias trancado numa construção simétrica que ele erigira, justamente para mirar e adorar a memória de sua amada. Portanto, uma prisão conveniente – quase perfeita – para quem fez a mais linda construção do mundo por amor.

Depois de sua morte, uma tumba igual a de Mumtaz foi edificada para que se juntassem para sempre os dois apaixonados.

Ao sair do monumento, depois de admirá-lo minuto a minuto, mesmo com o tempo miseravelmente breve imposto pelo guia, percorri o jardim de volta e olhei-o uma vez ainda. Passara-se uma hora desde que ali chegara. O véu fino de bruma, quase imperceptível, já não mais existia, e o Taj Mahal reluzia ao sol a pino no dia azul. Uma nova sensação de beleza me reconfortou. Não me contive e fiz um brinde imaginário ao amor. Só ele mesmo, um amor tão profundo, seria capaz de produzir e legar aquele milagre à humanidade.

EDITORIAL

Por políticas públicas mais eficazes

À medida que as cidades crescem e se transformam, a necessidade de políticas públicas eficazes se torna cada vez mais evidente. A urbanização rápida traz consigo uma série de desafios, como a gestão do trânsito, a infraestrutura, a habitação e a segurança. Para enfrentar esses desafios de maneira eficiente, é imperativo que os gestores urbanos adotem estratégias bem planejadas e fundamentadas.

As políticas públicas devem ser projetadas para promover o desenvolvimento sustentável e melhorar a qualidade de vida dos habitantes urbanos. Isso inclui investimentos em transporte público para reduzir o congestionamento, na construção de moradias acessíveis e na implementação de sistemas de segurança eficazes. Além disso, é crucial que essas políticas sejam inclusivas, levando em consideração as necessidades de todas as camadas da população, especialmente os grupos mais vulneráveis.

Outra área vital é a preservação ambiental. Cidades precisam incorporar práticas que reduzam a poluição e incentivem a sustentabilidade. Projetos de revitalização de áreas verdes e iniciativas para a redução

de emissões são exemplos de como políticas públicas podem contribuir para um ambiente urbano mais saudável.

Para que essas políticas sejam bem-sucedidas, é necessário que haja uma colaboração entre o governo, a iniciativa privada e a sociedade civil. A participação ativa dos cidadãos no processo de formulação e na implementação das políticas é essencial para garantir que elas atendam às reais necessidades da população.

Em resumo, o futuro das cidades brasileiras depende da capacidade de seus líderes de implementar políticas públicas eficazes e inovadoras. Investir em um planejamento urbano sólido e em práticas sustentáveis não só resolverá problemas imediatos, mas também criará um legado de qualidade de vida e prosperidade para as futuras gerações.

As eleições que se avizinhavam são oportunidades de se fomentar o debate sobre políticas públicas fundamentais para o desenvolvimento de cidades, algo que passa diretamente pelo exercício das funções de prefeitos e vereadores comprometidos em elevar a qualidade de vida da população.

Impossível não se apaixonar pelo RIR

O Rock In Rio começa nesta sexta-feira e vai tomar as ruas do Rio de Janeiro com gente do Brasil inteiro. Na verdade, do mundo inteiro, já que é um dos festivais mais populares do planeta.

Mesmo aqueles que não gostam de festivais se rendem ao poder do Rock In Rio. Não apenas pela grandiosidade da marca, mas principalmente pelo efeito que ele causa na cidade.

Você pode pensar ‘eu não vou nesse ano’, mas são necessários 15 segundos da música tema do festival em um anúncio na televisão para bater aquela vontade de comparecer para ver alguns dos maiores artistas do mundo.

Para onde se vai no Rio de Janeiro há menção ao Rock In Rio. Cartazes, turistas.. Tudo remete ao festival, que movimenta a economia carioca em cerca de 3 bilhões de reais, qua-

se um mini-carnaval para os cofres da cidade.

Nesta edição, que comemora os 40 anos do Rock In Rio original, eternizado na história da música pelo lendário show do Queen, em que Freddie Mercury regeu mais de 100 mil brasileiros apaixonados ao som de ‘Love Of My Life’, o público terá de enfrentar uma onda de calor sem precedentes.

Mas, para isso, haverá uma série de pontos de hidratação espalhados pela Cidade do Rock.

No fim das contas, mesmo que você não seja fã do Rock In Rio, é impossível não reconhecer sua importância para a cidade e seu impacto espetacular no Rio de Janeiro. Que esses sejam apenas os primeiros 40 anos do festival. Que a família Medina siga inovando e trazendo o que há de melhor e mais moderno para a Cidade Maravilhosa. Vida longa ao Rock In Rio!

Opinião do leitor

André feliz

André, volante moderno jogando muito. Bola feliz com ele em campo. Joga com prazer. Vai tirando o mofo e a apatia abissal do meio de campo brasileiro. Vai crescer mais ainda. Sobre tudo depois de saber que realmente foi vendido para o futebol inglês. Breve Guardiola, que não é bobo, leva André para o Manchester City.

Vicente Limongi Netto
Brasília - Distrito Federal

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA

Reprodução/Internet



Pórtico do cemitério

IMIGRANTE EM VASSOURAS

Clemente Gaspar Maria Brandenburger nasceu na Alemanha no ano de 1879. Em 1909, após longa carreira profissional e acadêmica, se mudou com sua esposa para o Brasil para atuar como bancário na Fazenda Bela Vista, em Ipaçu. Trabalhou ainda como organizador do Museu do Ipiranga e como jornalista na versão carioca do diário Deutsche

Zeitung, originalmente alemão. Em 1912, decidiu comprar o sítio Nossa Senhora da Conceição do Rio Bonito, nos arredores de Vassouras, das irmãs Duque Estrada, proprietárias originais. Com o propósito inicial de passar fins de semana e férias, Clemente acabou se instalando na propriedade definitivamente em 1917 devido a seu grande apreço

por Vassouras. O amor pela cidade também o levou a fazer estudos históricos sobre o local. Em sua casa, Clemente chegou a receber o antigo presidente da república Washington Luiz, amigo de longa data, surpreendendo os políticos locais. Ele morreu residindo em Vassouras no ano de 1941, sendo sepultado no Cemitério Municipal.

Correio Sul Fluminense

Uma publicação do Correio da Manhã

Direção Executiva: Marcos Salles (Presidente)
marcos.salles@jornalcorreiodamanha.com.br
Bruno Portella (Diretor)
Rodrigo Magnavita (Diretor)

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br

Redação: Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Sonia Paes (editora), Luana Motta, Pedro Sobreiro, Rafael Lima e equipe TVC

Projeto noticioso: Folhapress e Agência Brasil

Serviço Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação)
Leo Delfino (Editor)

Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

WhatsApp: (21) 97948-0452

Volta Redonda: Av. Paulo de Frontin, 590- sala 1306 - CEP 27213-270

Bairro Atterrado - Volta Redonda - RJ

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
CEP: 22775-057

www.correiosulfluminense.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.